

PARQUE DAS SETE CIDADES

Em Parnahyba, aluguei um carro para conhecer o Parque Nacional das Sete Cidades. São aproximadamente 120 km de rodovia federal no sentido de Teresina, a capital do Piauí, em bom estado de conservação. A paisagem é monótona, não se vê nada além da floresta às margens da estrada, não há curvas ou elevações, são grandes retas com alguns vilarejos paupérrimos no caminho até Piracuruca, pequena cidade que atravessamos para pegar os últimos 20 km de estrada bastante ruim até a portaria norte do Parque, onde um segurança pediu para que eu mesmo preenchesse o documento de visita, pois ele tinha dificuldades com a escrita. Até o centro de recepção aos visitantes, são mais 2 km de estrada ruim, muitas pedras soltas, que se revelaria desastrosa para nossa expedição.

No centro de visitantes, que está bastante deteriorado (quase diria abandonado), fomos recebidos por uma equipe de jovens guias que obrigatoriamente acompanham a visita. Fazem parte de uma associação de trabalhadores que vivem na região, a ausência de emprego e renda por ali são fortes. Reclamaram da queda nas visitas, mesmo no que chamam de alta temporada. Durante o resto do ano, o parque é pouco visitado. Preço combinado, lá fomos nós, sob forte calor. Criado em 1961 com uma área total de 6.221 hectares, a área aberta à visitação no parque é menor, cerca de 490 hectares.

O nome Sete Cidades se refere aos conjuntos de formações de pedra (arenito) esculpidas pela ação dos ventos, das chuvas e do calor que constituem o parque e formam as Cidades. São rochas antigas, de mais de 400 milhões de anos. O parque possui pinturas rupestres com cerca de 6000 anos e está na faixa de transição entre o cerrado e a caatinga, protegendo espécies da fauna e da flora encontradas nos dois ecossistemas. No local, é comum encontrar espécies como suçuarana, veado-mateiro, tatu verdadeiro, jacu (meu pai iria gostar), iguana, paca, tamanduá-mirim, cutias e répteis. O roteiro não segue a numeração. Começamos pela Sexta Cidade, onde estão as pedras da Tartaruga (lembram seu casco), do Elefante e do Cachorro. Dali, seguimos ainda de carro até a Segunda Cidade, de onde a visita tem que seguir a pé. Quando estacionei, senti o volante jogar. Quando olhei, o pneu dianteiro estava todo cortado, arriado. Disse à guia que continuaríamos a pé e depois resolveríamos o que fazer.

A pé, passamos pelo Arco do Triunfo, bela formação que lembra o arco francês e tem inscrições rupestres. Dali, numa subida digna de Indiana Jones, fomos ao mirante, que é o ponto mais alto de Sete Cidades, com 82 m de altura, de onde se tem uma espetacular visão panorâmica do parque. No caminho, as pedras da biblioteca – lembram um local com livros empilhados e várias outras formações de rara beleza. A vista do mirante é de prender o fôlego, até porque para chegar lá tem muita pedra pra subir. Pra quem já enfrentou Macchu Picchu e o Vale do Céu em São João Batista do Glória, tá tudo bem.

Quando voltamos, havia o problema do pneu. O calor já estava insuportável. Não consegui trocar o pneu sozinho, aquele aparafusamento com máquina só caminhoneiro dá conta. Tivemos que suspender o passeio, a guia e Atalie foram a pé buscar socorro no centro de visitantes. Quando voltaram com ajuda, era tarde. O jeito foi ir embora devido ao horário e ao calor. De qualquer modo passaríamos obrigatoriamente pela Primeira cidade, onde está a Piscina dos Milagres que tem uma das nascentes do parque e a Pedra dos Canhões, que lembra troncos de árvores petrificados. As outras cidades não vimos de perto, só a distância. Fomos procurar almoço em Piracuruca, onde recomendaram o único restaurante existente, num posto de gasolina às margens da BR, o Requite. Logo descobrimos porque se chamava assim, era o requinte das moscas e da falta de higiene, mas não havia outro lugar. Em nossa classificação, “zero Andrades” para o Requite e nota máxima para o Parque e sua beleza natural pois, como escreveu Fernando Pessoa, "o valor das coisas não está no tempo que elas

duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

Mauro Ferreira é arquiteto
